Dia 26 — São Ludgero, Primeiro Bispo de Münster

São Ludgero, originário da Frísia e de família ilustre entre as mais distintas de todo aquele país, nasceu ao mundo pelos anos de 743. Seu pai Triadgrin e sua mãe Liafburga, reconhecendo no menino Ludgero particular inclinação à virtude e belas disposições para as letras, enviaram-no a Utrecht, sendo de idade de treze a catorze anos, para ser educado na escola do missionário São Gregório, discípulo de São Bonifácio, mártir.

Estava dotado Ludgero de excelente engenho, de natural dócil, de modos gratos, de um ar aprazível, de um coração nobre e como naturalmente inclinado a tudo o que é bom. Com tão felizes disposições, em pouco tempo fez admiráveis progressos na ciência dos santos e no estudo das letras humanas. Acompanhou Albérico quando foi consagrar-se bispo em York e recebeu naquela cidade a ordem de diácono. Empenhado já mais particularmente no serviço da Igreja, aspirou com maior alento à perfeição e aplicou-se com novo fervor a adquirir as virtudes eclesiásticas e religiosas próprias de seu estado. Conseguiu-o com vantagens; e, bem informado Albérico, sucessor de São Gregório, do extraordinário mérito de nosso santo, enviou-o ao país de Overijssel para renovar a cristandade de Deventer, que os saxões gentios haviam arruinado depois da morte de seu fundador e primeiro apóstolo São Lebuíno. Fez em pouco tempo São Ludgero quanto se podia esperar do fervoroso zelo de um apostólico missionário; e, abolidas as miseráveis relíquias do paganismo, ficou reparada aquela igreja.

Tendo sido consagrado bispo Albérico, apesar da humilde resistência de Ludgero à vista de uma dignidade respeitável aos mesmos anjos, ordenou-o sacerdote. Enviou-o logo à Frísia, e mal entrou nela começou a ser seu apóstolo. Padeceu quantos trabalhos costumam padecer os homens apostólicos quando se empenham em desbravar uma terra inculta; mas Deus adoçou suas penosas fadigas com as abundantes bênçãos que derramou sobre elas. Em menos de sete anos converteu à fé de Cristo aquela nação idólatra; e mal teria ficado gentio nela se Viduquindo, duque da Saxônia e ainda pagão, não houvesse obrigado nosso santo a sair do país durante a cruel perseguição que moveu contra a Igreja.

Arrancado Ludgero com indizível dor do meio de seu rebanho, foi consolar-se no santo mosteiro de Monte Cassino, e ali se desforrou, com contínuas orações e com rigorosas penitências, do interdito imposto a seu zelo. Ouviu logo o Senhor suas apostólicas ânsias; porque, conquistada por Carlos Magno toda a Baixa Saxônia e convertido o duque à religião cristã, saiu de seu retiro nosso santo, animado de novo fervor e cedendo tudo, não menos à eficácia de suas palavras que à força de seus exemplos, levou a divina palavra até a embocadura do Weser e a todos os cinco cantões marítimos da Frísia. Triunfando já em todo aquele país a fé de Jesus Cristo, fundou um mosteiro de monges beneditinos para servir como de cidadela e arsenal à recém-nascida igreja.

Estendida a fama do copioso fruto que fazia o novo apóstolo em toda a Vestfália, desejou Hildebaldo, arcebispo de Colônia, elevá-lo à dignidade episcopal. Assustou-se Ludgero ao ouvir a proposição que se lhe fez. Representou, suplicou, resistiu e fez quanto pôde para que em seu lugar fosse sublimado a ela um discípulo seu, cujas prendas exaltava, e a seu parecer sem encarecimento. Mas não foi atendida sua repugnância; foi necessário obedecer à eleição do arcebispo e à ordem do imperador. Foi consagrado bispo de Mimigernaford, que significa o vau do rio Mimigard, nome que depois se mudou no de Münster, que quer dizer mosteiro de cônegos regulares, porque o santo fundou naquele lugar um célebre mosteiro, cuja igreja lhe serviu de catedral. A esta nova diocese juntou depois os cinco cantões da Frísia oriental, que o mesmo santo havia convertido à fé. Além disso fundou outra abadia na Baixa Saxônia, que é a que até hoje se chama Claustro de São Ludgero, no ducado de Brunswick.

A nova dignidade só serviu para aumentar a austeridade de sua vida e para acrescentar maior lustre a sua virtude. Escolhido por pastor daqueles povos, foi pai de todos. Com a doçura de seu gênio e com a afabilidade de seu trato, domesticou os ânimos mais intratáveis e mais duros. Não houve quem não se rendesse a suas palavras ou a seus exemplos; e, fazendo-se tudo para todos com uma caridade universal, a todos ganhou para Deus.

Suas rendas eram dos pobres, sua mesa era também a mesa deles. Trazia sempre debaixo do traje de prelado um áspero cilício. Eram contínuos seus jejuns; e sua abstinência, em meio dos caritativos banquetes em que se renovavam os ágapes antigos, chegava a ser excessiva.

Uma virtude tão sobressalente não podia estar a coberto da inveja e da murmuração. A frugalidade de sua mesa, aquele trato contínuo com os pobres, sua humildade e sua modéstia desagradavam muito aos que, sendo muito inferiores a ele na dignidade, viviam com maior suntuosidade e com mais fausto. Desacreditaram-no junto a Carlos Magno, pintando-o como um homem de curtos talentos, que tornava desprezível seu caráter. Como aquele grande príncipe nenhuma coisa desejava com maior ânsia que ver florescer a religião, e como estava persuadido de que o exemplo dos prelados fazia grande impressão no ânimo e nos corações dos povos, sentiu muito as queixas que lhe davam de nosso santo. Viu-se este obrigado a passar à corte para justificar-se. Hospedou-se perto do palácio, e na manhã seguinte um fidalgo do imperador foi preveni-lo de que Sua Majestade Imperial o estava esperando. Achava-se rezando o ofício divino quando recebeu o recado e, querendo acabá-lo, fez-se esperar. Procuraram aproveitar-se desta conduta seus êmulos para autorizar sua acusação. Perguntou-lhe o imperador como havia tardado tanto em vir à sua presença depois de havê-lo enviado três recados: Senhor, respondeu o santo, porque nisto mesmo cri que obedecia a Vossa Majestade. — Pois como? replicou-lhe o imperador. — Senhor, continuou Ludgero sem turbar-se, porque, quando me deram os recados de Vossa Majestade, achava-me rezando o ofício divino; e, quando Vossa Majestade me fez a honra de nomear-me bispo, encarregou-me antes de tudo que preferisse sempre o serviço de Deus ao dos homens, sem exceptuar a mesma sagrada pessoa de Vossa Majestade Imperial. Agradou tanto ao imperador esta resposta que não quis permitir que se justificasse dos demais cargos que lhe haviam feito; e, voltando a enviá-lo à sua igreja cumulado de honras, exortou-o a que cuidasse sempre com o mesmo zelo de suas ovelhas e prosseguisse com o mesmo ardor no serviço de Deus.

Frutificaram mais seus apostólicos trabalhos pelo dom de milagres que lhe concedeu o céu. Pareceu-lhe estreito campo para contentar as ânsias de seu caritativo espírito a Saxônia e a Vestfália; e, vendo já desde então com luz profética os estragos que algum dia haviam de fazer naquelas regiões os normandos da Dinamarca e da Noruega, estava-se dispondo para ir prevenir os inimigos da fé, resolvido a empreender aquelas novas missões, quando o Senhor, que o via já maduro e carregado de merecimentos, quis premiá-los.

Foi longa e violenta sua última enfermidade; mas nem por isso diminuiu um ponto seu fervor. Nenhum dia deixou de rezar o ofício divino com outras muitas orações; e, embora consumido e penetrado de agudíssimas dores, todos os dias celebrou o santo sacrifício da missa. O último de sua vida, que foi o domingo da Paixão, a 25 de março, não o passou ociosamente nem foi o menos laborioso. Muito de manhã pregou na igreja de Coesfeld e despediu-se de seu povo; dali passou a Billerbeck, distante duas léguas de Coesfeld: disse missa e pregou segunda vez, sacrificando a Deus desta maneira as últimas relíquias de sua voz e de suas forças; e, prognosticando aos que o acompanhavam que na noite seguinte morreria, já não pensou mais que em consumar seu sacrifício, redobrando o amor a Deus que o abrasava e aquela ardente caridade com o próximo que sempre o havia inflamado. Em tão santos exercícios acabou sua ditosa vida, um pouco depois da meia-noite do dia 26 de março, pelo ano de 809. Foi conduzido seu santo corpo com grande pompa ao mosteiro de São Salvador de Werden, como ele mesmo o havia deixado disposto; e o Senhor continuou em torná-lo célebre com muitos milagres.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Labicana, São Cástulo, camareiro do palácio, o qual, como hospedasse os fiéis perseguidos, foi três vezes pendurado no ar pelos perseguidores e outras tantas interrogado pelo juiz; e, perseverando em confessar Jesus Cristo, lançaram-no num fosso e, cobrindo-o com grande porção de areia, ganhou a coroa do martírio.

Ali mesmo, os santos mártires Pedro, Marciano, Jovino, Tecla, Casiano e outros.

Na Pentápole da Líbia, o trânsito dos santos mártires Teodoro, bispo, Ireneu, diácono, Serapião e Amônio, leitores.

Em Sírmio, os santos mártires Montano, presbítero, e Máxima, os quais foram afogados num rio pela fé de Cristo.

Além disso, os santos mártires Quadrato, Teodósio, Manuel e outros quarenta.

Em Alexandria, os santos mártires Eutíquio e outros, os quais, no tempo de Constâncio, sendo bispo o ariano Jorge, por defender a fé católica, foram passados a fio de espada.

No mesmo dia, São Ludgero, bispo de Münster, que pregou o Evangelho aos saxões.

Em Saragoça, na Espanha, São Braulio, bispo e confessor.

Em Trier, São Félix, confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Ludgeri confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamo-vos, ó Deus onipotente, que nesta venerável solenidade de vosso confessor e pontífice São Ludgero aumenteis em nós o espírito de piedade e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Romanos, capítulo 10. [^1]

Romanos 10,2-4

> **Latim:** 2 Testimonium enim perhibeo illis quod æmulationem Dei habent, sed non secundum scientiam. 3 Ignorantes enim justitiam Dei, et suam quærentes statuere, justitiæ Dei non sunt subjecti. 4 Finis enim legis, Christus, ad justitiam omni credenti.

Português: 2 Pois eu lhes dou testemunho de que elles tem zelo de Deos, mas não segundo a scienicia. 3 Porque não conhecendo a justiça de Deos, e querendo estabelecer a sua propria, não se sujeitarão á justiça de Deos. 4 Porque o fim da lei he Christo, para justificar a todo o que crê.

Nota

«Escreveu-se esta epístola desde Corinto, no ano 57 de Cristo, vinte e quatro depois de sua paixão; enviou-a o Apóstolo por Febe, uma grande serva de Deus, que se empregava no serviço e ministério público dos pobres da igreja de Cencreia, um dos portos de mar daquela grande

cidade.»

Reflexões

Testimonium perhibeo illis, quod æmulationem Dei habent, sed non secundum scientiam. De que serve o zelo pela lei santa de Deus, se não é conforme ao espírito de Deus? Não há coisa mais perniciosa, nem tampouco a há mais comum, que o falso zelo.

Acham-se algumas vezes pessoas que fazem profissão de exemplares e até de penitentes, cujo zelo sempre é enfadadiço e amargo e não conhece aquela mansidão de Jesus Cristo que em parte caracteriza o verdadeiro zelo. Enganar-se-ia muito o que concebesse a caridade como uma virtude aduladora e lisonjeira que, por não ofender a ninguém, tudo celebrasse, até as mesmas imperfeições. Deve condenar-se, deve abominar-se o vício; mas a caridade cristã pede que se perdoe à pessoa, que se olhe com terna compaixão o pecador, sem perdoar o pecado. A malignidade do coração humano nos deve inclinar a desconfiar perpetuamente de nossas máximas, sempre que se dirigem a censurar a conduta dos outros. Sente-se não sei que secreto e maligno prazer em descobrir em outro aqueles defeitos de que um se considera livre. Aquela espécie de superioridade que se imagina lograr sobre o próximo lisonjeia um coração naturalmente orgulhoso; e, como nesta opinião de preferência se mistura sempre o especioso pretexto do zelo e da virtude, não se desconfia desta complacência maligna, e até se vive nela com grande serenidade.

Ainda é mais grosseira a ilusão quando se reputa por zelo a própria paixão, persuadindo-se de que se faz serviço a Deus naquilo em que somente se seguem os ímpetos da emulação, da inveja ou do próprio interesse.

Se se recebeu algum desgosto, se se encontra na pretensão concorrentes de maior mérito ou de maior fortuna, se nos faz sombra a virtude ou a reputação do outro, começa-se por desviar os olhos do esplendor de suas prendas; somente se aplica a atenção a descobrir o que pode parecer nele defeituoso; celebra-se com um riso maligno, ouve-se com uma secreta complacência tudo aquilo que os que estão igualmente predispostos censuram nas pessoas que servem de objeto à nossa inveja; tudo se escuta, tudo se aplaude com alegria. Se se as morde, se se as satiriza, tudo se recebe como oráculo. O apreço e até o amor com que se olham estas cruéis censuras igualam sempre a maligna antipatia que se tem com os concorrentes. Uma paixão a que se dá pasto não pode conter-se por longo tempo dentro dos limites da moderação. Em vão se procura reprimi-la ou ao menos dissimulá-la: ao cabo arrebenta com estrondo. Já se olham com olhos inimigos aqueles cuja reputação nos ofende. Não só se desaprova, mas positivamente se despreza tudo quanto fazem; nem sequer se quer crer que sejam capazes de fazer coisa digna de estima. Os que não são devotos chamam a isto aversão, vergonha, emulação, ódio; mas os que fazem profissão de virtuosos sempre o chamam zelo. Mas pergunto: olha-se unicamente a Jesus Cristo e à salvação das almas nesta malignidade de humor que se desabafa em censuras mordazes, em invectivas e em murmurações? Coisa estranha! Até a maior glória de Deus e o maior bem da Igreja hão de

servir de pretexto à paixão.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 9 de São Lucas.

Lucas 9,52-56

> **Latim:** 52 Et misit nuntios ante conspectum suum : et euntes intraverunt in civitatem Samaritanorum ut parerent illi. 53 Et non receperunt eum, quia facies ejus erat euntis in Jerusalem. 54 Cum vidissent autem discipuli ejus Jacobus et Joannes, dixerunt : Domine, vis dicimus ut ignis descendat de cælo, et consumat illos ? 55 Et conversus increpavit illos, dicens : Nescitis cujus spiritus estis. 56 Filius hominis non venit animas perdere, sed salvare. Et abierunt in aliud castellum.

Português: 52 E enviou a diante de si mensageiros: e indo elles entraráo em huma cidade dos Samaritanos para lhe prevenirem pousada. 53 E não no receberão, por elle dar mostras de que hia para Jerusalem. 54 O que porém tendo visto seus discípulos Tiago, e João, disserão: Senhor, queres tu que digamos que desça fogo do ceo, e que os consuma? 55 Porém Jesus voltando-se para elles, os reprehendeoo, dizendo: Vós não sabeis qual he o espírito da vossa vocação. 56 O Filho do homem não veio a perder as almas, mas a salvallas. E forão para outra povoaçao.

Meditação

Do falso zelo

Primeiro ponto

Considera que o falso zelo tem toda a malignidade, todo o fel e todo o veneno das mais violentas paixões; mas tudo sob a máscara de uma ardentíssima caridade e de um abrasado amor de Deus. Que se pode esperar de tal princípio?

O falso zelo, falando propriamente, não é mais que uma violenta paixão que o amor-próprio disfarça para que não se conheça, pondo-a em estado de ser tanto mais nociva quanto menos se desconfia dela. É o orgulho como sua primeira origem, porque não há zelo falso que não esteja acompanhado de um grande fundo de vaidade; daqui nasce aquele desprezo com que se olha a pessoa contra quem se dirige o tal aparente zelo. Um ódio maligno, uma inveja amarga, uma

vingança acre e sempre picante são como os ocultas molas ou máquinas que movem a cólera dos chamados zelosos e os põem de mau humor contra os defeitos imaginários ou reais de seus irmãos. Do mesmo princípio nasce que todo herege grite contra o relaxamento e acompanhe seus gritos com injúrias. Ter-se-ia por muito grosseiro o erro se não se valesse do pretexto da glória de Deus e da salvação das almas para justificar até os mais furiosos excessos. Debaixo deste especioso título, debaixo deste belo nome, feias calúnias, murmurações atrozes, enormes injustiças, desumanidades, perseguições, tudo passa, tudo se aplaude, tudo se autoriza: *Arbitratur obsequium se præstare Deo.* Quando só se obra por ressentimento, por paixão e por vingança, crê-se que se faz serviço a Deus. Oh, quantas paixões, oh, quantas injustiças fomenta esta vã imaginação! Mas porventura nos há de julgar Deus segundo nossas frívolas imaginações? E é possível que nada me acuse minha consciência neste ponto? O verdadeiro zelo não é amargo nem parcial. Sente-se no coração amargura, acidez, menosprezo e não sei que espécie de dureza? Sinal evidente de que o zelo é ilegítimo, é falso. Aqueles devotos zelosos que quisessem que descesse fogo do céu para exterminar os pecadores, estejam certos de que não os anima o espírito de Jesus Cristo. De que princípio nascem meus ímpetos arrebatados, meus movimentos coléricos? Porventura é verdadeiro zelo o que produz minhas aversões e minhas vivacidades?

Olhe-se bem nesse coração; cave-se profundamente até dar com o manancial desse zelo impetuoso que só acerta a explicar-se em estrondos e em castigos; achar-se-á sem dúvida que essa nuvem carregada de raios e de granizo se formou de exalações malignas. Umas prendas demasiadamente brilhantes e demasiadamente reais que nos fazem sombra; uma razão de família, de interesse ou de partido; um desgosto que se nos deu, um desaire, um despeito e uma secreta inveja são o verdadeiro e primeiro móvel de tantas ações mascaradas com o especioso nome de zelo e de caridade. Mas que juízo faz delas aquele Deus que penetra o fundo dos corações, que desenvolve e registra todos os seus seios e que faz tão pouco caso de nossas sutilezas e de nossos sistemas? Ó bom Deus, e quanto tempo, quantas diligências perdidas! Quantos pecados graves bem disfarçados! Quantos talentos mal empregados! E quão desditosa é uma pessoa a quem anima o falso zelo! Quão digna de compaixão! E quão rara é a que abre os olhos e volta a si de uma ilusão tão lamentável!

Segundo ponto

Considera que há todavia outro falso zelo mais mitigado, mas mais sutil. E não há que cansar-se: este em todas as partes se acha e em todas as coisas se mistura. É raríssimo, é espécie de prodígio que um zelo tão puro, tão acrisolado, não envolva dentro de si algumas partículas térreas de nós mesmos; muito rara vez sucederá que a inclinação, o humor, o gênio e o amor-próprio não sejam como a alma do que se chama zelo.

Persuade-se um a si mesmo, e até quer persuadi-lo aos demais, de que só se busca a maior glória de Deus e de que só ela é o móvel de nossas ações; mas, se só se pretende agradar a Deus no exercício do zelo, em que consistirá aquele desejar mais umas ocupações que outras, aquela inclinação, aquela preferência em buscar mais umas pessoas que outras? Em que consistirá não ter zelo nem fervor senão para os ministérios sobressalentes, para atender à salvação de certa classe de pessoas? Por que se terá tanta dor, far-se-á tanto sentimento em deixar o emprego, a

ocupação, o lugar, quando a vontade dos superiores nos dá a conhecer bastante que Deus não quer que nos mantenhamos ali? Tememos porventura que se diminua ou padeça a glória do mesmo Deus se cedermos nosso lugar a outro? Ah, Senhor, e que mistérios de iniquidade descobrirá a nossos olhos a fatal hora da morte! Mas será então tempo de descobrir estes mistérios?

O querer trabalhar muito costuma ser sinal de que se tem muito zelo. Mas, se nessa multidão laboriosa de ministérios se pretende unicamente a maior glória de Deus, é muito digno de reparo, e até de grande admiração, o grande cuidado que se tem de dar a entender ao público o muito que se trabalha, mendigando, com uma vã ostentação de suas fadigas e suores, um aplauso ou uma inútil compaixão. Muitas vezes quer um fazer tudo, mas quisera ser ele só quem o fizesse; e isto não nascerá porventura de temer que saia outro concorrente com quem se repartam os aplausos e a glória das fadigas? Ó meu Deus, e quão sutil é o amor-próprio! Enquanto não tenhamos um coração puro e uma intenção reta, sempre zombará de nós. É sinal indubitável de um zelo falso e postiço sentir o fruto que fazem os demais. E não há algo disto em nosso coração?

O primeiro fruto da caridade é o zelo verdadeiro, e não pode nascer de outro princípio. Por isso o verdadeiro zelo sempre é manso, benéfico, humilde e compassivo. O primeiro objeto de nosso zelo devem ser nossos próprios defeitos, sendo a sólida virtude de um homem zeloso o primeiro artifício de que deve valer-se para mover os demais: *Æs sonans, aut cymbalum tinniens* [^2]. Meu Deus, que dor, que desesperação na hora da morte, quando não tenha sido um em toda a sua vida senão como o bronze que ressoa ou como um címbalo que não fez mais que ruído! *Nonne in nomine tuo prophetavimus?* Pois, Senhor, não profetizamos em teu nome? Não lançamos os demônios em teu nome? Não fizemos muitos milagres em teu nome? Assim é, responderá o Senhor; mas lhes dirá claramente: *Quia nunquam novi vos, discedite a me*: Apartai-vos de mim, porque nunca vos reconheci por meus. Que sentença, que raio fulminado para um pregador aplaudido, para um diretor de grande reputação, para um superior rígido, para um pai de família vigilante, para um grande prelado que, havendo cumprido com sua obrigação a respeito de seus súditos, não tivessem atendido a sua própria salvação!

Não permitais, Senhor, que eu entre neste número. Seja eu mesmo o primeiro objeto de meu zelo; e seja meu zelo, em ordem aos demais, animado por vosso divino espírito. Não seja amargo nem rigoroso senão contra mim mesmo; seja a caridade seu primeiro móvel e seja vossa glória seu único fim.

Jaculatórias

> *Cor mundum crea in me, Deus: et spiritum rectum innova in visceribus meis.* Sl 50.

Criai, Deus meu, em mim aquele coração limpo e aquela intenção reta sem a qual não é possível agradar-vos.

> *Tabescere me fecit zelus meus: quia obliti sunt verba tua inimici mei.* Sl 118.

Meu zelo me fez consumir de dor à vista do desprezo de vossa santa lei.

Propósitos

1. Tem zelo, porque a falta dele é sinal de uma fé morta e de uma caridade apagada; mas nunca seja amargo nem indiscreto. O verdadeiro zelo sempre é prudente, humilde, compassivo e moderado. Se tua indignação se irrita contra o vício, em teus próprios defeitos acharás o mais digno objeto de tua cólera. Deve sem dúvida chorar-se com lágrimas de sangue o licencioso relaxamento dos costumes; mas, quando não se nos tem cometido o cargo de corrigir os demais, a que propósito exclamar com tanto ruído? A que fim repreender com tanta acidez e amargura?

Demos princípio à reforma começando por nós mesmos, e quanto é de nossa parte ficarão corrigidos os costumes. Em quem por seu ofício não tem obrigação de emendar os demais, o único meio de reformá-los é com o exemplo e com a edificação de sua vida; sendo também ao mesmo tempo o único modo de corrigir que jamais deixa de fazer fruto. Considera desde logo a que coisas se há de estender teu zelo e quais são suas propriedades. Atendes com desvelo à boa criação de teus filhos, ao porte de teus criados e ao modo de viver de todos aqueles que dependem de ti? És tão cuidadoso e tão minucioso em procurar que cumpram tão exatamente com as obrigações de cristãos como com os ofícios de criados teus? Não sofrerias que te falassem a ti com menos atenção ou com pouco respeito; tens o mesmo zelo em solicitar que tratem a Deus da mesma maneira? Olha que hás de ser responsável pela salvação dos que estão a teu cargo; e assim não te fies demasiadamente em sua boa fé, abandonando-os de todo à sua própria consciência. Costumas algumas vezes dizer que já têm idade para saber suas obrigações. Mas pergunto: costumas dizer isto mesmo quando se trata de coisas tocantes a teu serviço? Tem zelo, e não serás tão insensível em matéria de costumes, observando de hoje em diante as regras seguintes. Primeira: seja o bom exemplo a primeira lição que dite a todos teu zelo; a esta espécie de instrução não há natural, costume, gênio nem inclinação que resista. Segunda: desce ao individual e miúdo exame da conduta de teus filhos e de teus criados; informa-te de quando em quando se suas conversações são licenciosas e se é cristã sua vida. Procura averiguar se frequentam os sacramentos, ao menos uma vez ao mês; se ouvem missa com devoção, se estão na igreja com respeito, se leem livros perniciosos, se frequentam casas suspeitas e se andam com más companhias. Neste gênero de faltas hás de ser inexorável, sem perdoar nem dissimular coisa alguma; e não te fies nem de preceptores, nem de mestres, nem de aios. Sê rígido, mas sem ser amargo nem austero. Nunca repreendas com termos injuriosos ou malsoantes; um pouco de viveza e muita firmeza caem belamente no verdadeiro zelo; mostra-o sempre de maneira que pareça zelo cristão, o qual é inseparável da caridade.

2. Se te achas à frente de alguma corporação, de algum grêmio ou de alguma comunidade, atende com zelo ao rigor da observância; não toleres o mais mínimo relaxamento; mas adverte com doçura, corrige com moderação, repreende com toda a cortesia, manda com teu exemplo ainda mais que com tuas palavras. Oh, quantos superiores serão horrendamente castigados na outra vida por haverem sido pouco rígidos e menos exemplares! Não tens tu algo que repreender-te e emendar neste ponto? Se és particular, prega a reforma de toda a comunidade com a tua. Não te dispenses da mais mínima distribuição ou observância regular; sê pontual, sê em tudo muito exato, e só com isto terás dado princípio à reforma da casa. Todo zelo inquieto, buliçoso e mordaz é zelo falso; o teu deve ser sossegado, suave, benéfico e caritativo. Muito se engana a si mesmo o que pensa ter zelo dos demais quando descuida de sua própria perfeição; porque é certo que nunca amamos o próximo mais que a nós mesmos. O que então se chama zelo é intrepidez de gênio, é viveza mal corrigida, é orgulho mal dissimulado e não poucas vezes é ódio, inveja e emulação.

[^1]: O OCR traz “cap. 13”; o texto latino é Romanos 10,2-4. [^2]: 1 Cor 13,1.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:25 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:25 by Admin